

O que for soará

OTTO LARA RESENDE

"Um grave acontecimento está sendo esperado por todos."
Ferreira Gullar

Um professor estrangeiro que andou pelo Brasil fazendo conferências e respondendo a perguntas dos ouvintes ficou impressionado com o grau de conhecimento da Economia que tem entre nós o público leigo. Disse que é maior do que o que existe na França, ou nos Estados Unidos. Pode ser que haja aí algum exagero. O que impressionou o professor terá sido o interesse que hoje todos temos pelos assuntos econômicos. Mas longe de ser isto uma prova de nossa curiosidade intelectual, é, sim, um sinal do sufoco e da ansiedade em que estamos mergulhados.

Não é de hoje que vivemos num reino, ou, se quiserem, numa república marcada pela instabilidade. Tudo muda, tudo varia, tudo cai. Ou sobe, se é o caso dos preços. No terreno da Economia, não basta a gente se informar todo dia. De hora em hora a coisa piora. Daí, por mais pobretão que seja, todo brasileiro tem a cabeça cheia de vagas noções do **open**, do **over**, do **black**, sem falar na balança comercial, na dívida externa, no FMI e em tantos outros fantasmas que nos impedem de dormir em paz e todo dia senta à nossa mesa a assombração do imprevisível.

Outro dia, eu estava numa farmácia, de boca aberta diante de um remédio que tinha triplicado de preço, quando vi uma senhora comprando duas caixas de Válium 10. Farmácia já não é lugar de conversa, como antigamente. Aliás, hoje não se conversa em lugar nenhum. Só se pragueja. Ou se pergunta, sem resposta, o que é que vai acontecer. A tal senhora se queixava da vida. Viúva, mais pra lá do que pra cá, disse que trocou o supermercado pela farmácia. No lugar da carne, o tranquilizante. Agarrou-se com o Válium e com Deus, o que me sugeriu a idéia (desculpem) de propor o lançamento do Válium-me-Deus.

Mesmo no tempo do cruzado, a nossa fugaz hégira, a partir de maio já vivíamos sob o signo da mentira. Como suas ancestrais CCP e Cofap, a Sunab não tem competência para tomar conta de um câgado. Crime contra a economia popular é pura ficção. No Brasil é fácil definir o conceito de infinito: é a distância que vai entre a retórica oficial e a realidade. Com o fogo de palha dos fiscais voluntários, tivemos um período parecido com a lei seca dos Estados Unidos. Mil macetes e a maior hipocrisia. O povo, coitado, na mais cruel ilusão.

O País não tem moeda, mas não cessa o enxurro de decretos que vão sendo redigidos em série. Na vida real, impera o salve-se quem puder. Esta semana fui comprar uma pilhazinha de nada, que outro dia custava 65 cruzados, já com o preço reinarcado. Pulou para 200 e, 24 horas depois, para 250 cruzados. Agora, já não existe em lugar nenhum. Uma simples lata de cerveja da mais barata há dias custava 14 cruzados. Passei depois do almoço e o preço tinha subido para 27,10.

Qualquer um pode contar sua historinha, enquanto em Brasília rola a Constituinte. Ninguém acredita em mais nada. Todos viramos fatalistas. Há dias, participei de uma reunião na serra de Petrópolis. Éramos cerca de 40 vizinhos, todos assaltados. Minha modesta casa, que de tão velhinha não resiste a um espirro ou a uma gargalhada, em 10 dias foi assaltada três vezes. Em mais de 30 anos, é a primeira vez que isso acontece. Ninguém se queixou à Polícia. Só eu. Logo se pensa em entrincheirar os proprietários e matar os assaltantes — com a maior tranquilidade. É a pena de morte sem lei. Como tudo no Brasil sem constituição, sem projeto nacional e sem cânon moral.

Citei outro dia Gilberto Amado: "Quem perde a esperança no Brasil não é digno de viver." Logo depois encontrei alguns jovens que fazem pós-graduação na área de Engenharia e conexas. Um deles ironizou: Gilberto vivia entre a Europa e os Estados Unidos. Podia dar-se ao luxo de ter saudade do Brasil. Para eles tudo isso é papo furado. Ufanismo oco. Só pensam em sair do Brasil — e para sempre. Não acreditam que o País vá mudar. Muda, se mudar a mentalidade. No mínimo, mais 20 anos.

Nada mais terrível do que a descrença dos jovens. O ceticismo (ou mesmo o cinismo) com relação ao presente. E a falta de fé no futuro. Me lembrei daquela forma de exílio de que falava Antonio Candido no auge da repressão: o cidadão se exila dentro de si mesmo. Hoje, os mais velhos vivemos perplexos e atônitos. E ainda aparecem histórias como essa da concorrência para a ferrovia Norte-Sul. Janio de Freitas viu a falta e apitou. Se duvidar, o Paraguai e o Chile entram nos eixos (nos trilhos, não) antes do Brasil. A Argentina está lá firme com o austral. Valhamos minha Nossa Senhora da Conceição.